



**Denise Pereira
(Organizadora)**

**Diversidades:
Diferentes,
não
Desiguais 2**

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 2 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-091-9

DOI 10.22533/at.ed.919190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO	
Francisca Maria da Silva Barbosa Iara Maria de Araújo Tatiane Bantim da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9191905021	
CAPÍTULO 2	14
DEL ESTIGMA AL SUJETX POLÍTICX: UNA ARQUEOLOGÍA DE LA MEMORIA HISTÓRICA TRANS SALVADOREÑA	
Amaral Arévalo	
DOI 10.22533/at.ed.9191905022	
CAPÍTULO 3	31
PRECISAMOS FALAR SOBRE A REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA: UMA ANÁLISE DO FILME AZUL É A COR MAIS QUENTE	
Glaucy de Sousa Santana	
DOI 10.22533/at.ed.9191905023	
CAPÍTULO 4	41
SAUDOSA AMÉLIA - A CRISE DA MASCULINIDADE FRENTE ÀS “MULHERES MODERNAS”	
Ingrit Machado Jeampietri de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.9191905024	
CAPÍTULO 5	54
RECORTES DA SUBALTERNIZAÇÃO FEMININA EM OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	
Ana Caroline Genésio Rodrigues Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9191905025	
CAPÍTULO 6	64
UM CHOPP PRA DISTRAIR: DISCURSO PUBLICITÁRIO E GÊNERO	
Anselmo Lima de Oliveira Alfrancio Ferreira Dias Simone Silveira Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.9191905026	
CAPÍTULO 7	73
TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CATEGORIAS DE RAÇA E GÊNERO	
Júlia Castro John	
DOI 10.22533/at.ed.9191905027	
CAPÍTULO 8	80
TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO DIREITO BRASILEIRO	
Anna Christina Freire Barbosa Walney Moraes Sarmiento	
DOI 10.22533/at.ed.9191905028	

CAPÍTULO 9 91

UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE O PÚBLICO LGBT COM A POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO CEARÁ EM LOCAIS HOMOAFETIVOS NA CAPITAL CEARENSE

David Sousa Garcês
Fábia Costa
Diêgo Matos Araújo Barros
Neila Fernanda Pereira de Souza Diniz
Valeska Denise Sousa Garcês

DOI 10.22533/at.ed.9191905029

CAPÍTULO 10 100

UNIVERSIDADE PÚBLICA E EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA: A ELABORAÇÃO DE UM PLANO PARA A PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NA UFAC

Fabiana Nogueira Chaves
Maurício Pimentel Homem de Bittencourt

DOI 10.22533/at.ed.91919050210

CAPÍTULO 11 116

A ESCRITURA DE AUTORIA FEMININA EM A PAIXÃO DE LIA, DE BETTY MILAN, E AS DOZE CORES DO VERMELHO, DE HELENA PARENTE CUNHA

Giovanna de Araújo Leite

DOI 10.22533/at.ed.91919050211

CAPÍTULO 12 126

A INTERFACE DO SEMBLANTE E DA PULSÃO ESCÓPICA ATRAVÉS DO RELANCE DO RAPAZES ALEGRES EM QUEER EYE

Eider Madeiros
Hermano de França Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.91919050212

CAPÍTULO 13 138

A APROPRIAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NA FICÇÃO COMO ARTIFÍCIO FIRMADOR DO DISCURSO MACHISTA

Raíssa Feitosa Soares
Emannuely Cabral de Figueiredo
Lissa Furtado Viana
Otávio Evangelista Cruz

DOI 10.22533/at.ed.91919050213

CAPÍTULO 14 147

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE KEHINDE E RAMI: UMA ANÁLISE DA OBRA DE ANA M. GONÇALVES E P. CHIZIANE

Aparecida Gomes Oliveira
Lídia Maria Nazaré Alves
Rhanielly Gomes Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.91919050214

CAPÍTULO 15	158
A INFLUÊNCIA QUE O CONSELHO DA MULHER EXERCE NO TOCANTE A GARANTIA DE DIREITOS DAS MULHERES NEGRAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA	
Sara Regina Santos Oliveira David Sousa Garcês Fábia Costa Diêgo Matos Araújo Barros Valeska Denise Sousa Garcês	
DOI 10.22533/at.ed.91919050215	
CAPÍTULO 16	166
A CAPOEIRA ANGOLA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA	
Janayna Rocha Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.91919050216	
CAPÍTULO 17	180
A REPRESENTAÇÃO DA GUERRA CIVIL MOÇAMBICANA EM TERRA SONÂMBULA	
João Philippe Lima Daniela de Sousa Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.91919050217	
CAPÍTULO 18	190
AS REPERCUSSÕES DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PADRÃO DE SAÚDE-DOENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NA SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo Lucas Paoly de Araujo Moraes José João Araujo Neto Janice Alves Trajano	
DOI 10.22533/at.ed.91919050218	
CAPÍTULO 19	197
BRASIL: A ÁFRICA NA AMÉRICA DO SUL	
Jorge Yuri Souza Aquino Leite Rodrigues Lins Maria Eduarda Henrique Mascarenhas	
DOI 10.22533/at.ed.91919050219	
CAPÍTULO 20	205
BRUXA E ADÚLTERA (A <i>GLORIOSA FAMÍLIA</i> (1997), DO ANGOLANO PEPETELA)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.91919050220	
SOBRE A ORGANIZADORA	219

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE KEHINDE E RAMI: UMA ANÁLISE DA OBRA DE ANA M. GONÇALVES E P. CHIZIANE

Aparecida Gomes Oliveira

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais
Carangola - MG

Lídia Maria Nazaré Alves

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais
Carangola - MG

Rhanielly Gomes Oliveira

Centro Universitário Estácio de Sá
Juiz de Fora - MG

seeks to identify which ideological and counter-ideological factors influenced the formation of their identities. The research is bibliographical, illuminated by theorists who have lectured on the theme. We conclude that several factors influenced and determined the formation of their identities.

KEYWORDS: identity - black woman – otherness.

RESUMO: O artigo propõe uma análise da construção da identidade das personagens protagonistas Kehinde, da obra “Um defeito de cor” de Ana Maria Gonçalves e Rami, da obra “Niketche” de Paulina Chiziane. Busca-se identificar quais fatores ideológicos e contraideológicos influenciaram a formação de suas identidades. A pesquisa é de cunho bibliográfico, iluminada por teóricos que dissertaram sobre o tema. Conclui-se que vários foram os fatores que influenciaram e determinaram a formação de suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: identidade- mulher negra –alteridade.

ABSTRACT: The article proposes an analysis of the construction of the identity of the protagonists Kehinde, of the work “A defect of color” of Ana Maria Gonçalves and Rami, of the work “Niketche” by Paulina Chiziane. It

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma análise sobre a construção da identidade de duas mulheres negras, personagens protagonistas dos romances citados acima. A pesquisa busca compreender como tais personagens lidaram com os desafios do cotidiano, as tradições e o sofrimento. E de que forma todos esses fatores influenciaram a formação de suas identidades.

As personagens têm em comum o fato de serem negras e lutarem por um espaço na sociedade que sempre as coloca à margem. São mulheres guerreiras que não se deixam abater facilmente, o desejo de conquistarem sua alteridade é maior que os obstáculos no caminho. Percebe-se que mesmo por caminhos divergentes, ambas alcançam o objetivo desejado.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Spivak (1994) diz não ser historiadora, mas se preocupa em compreender como as narrativas históricas são negociadas. Intitulando-se como uma “pós colonial”, hindu, cidadã indiana, posiciona-se com “a perspectiva crítica necessária diante das falsas reivindicações de histórias alternativas” (SPIVAK, 1994, p.187). Como as narrativas históricas são construídas é o foco de seu estudo. Ela começa explicando que a descolonização da Índia foi legitimada e consolidada “por meio da cultura do imperialismo, nacionalismo, internacionalismo, secularismo, culturalismo” (Op cit. p. 188). Estes códigos têm o poder de promover e oferecer privilégios àqueles que os utilizam, ao mesmo tempo em que privilegia, pode também mascarar o sujeito. Refletir sobre a leitura desse sujeito é ir além de sua máscara para sair do superficial e conhecer a verdadeira história.

As ideias de Cândido (1999) corroboram com as de Spivak, pois ele afirma que a literatura faz um vínculo entre fantasia e realidade, este pode servir de entrada para se pensar a função da literatura e acrescenta “Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar” (CANDIDO 1999, p. 83, 84). Ou seja, a forma como as narrativas históricas são construídas e transmitidas influenciam na formação da identidade daqueles que lhe são alvos.

A narrativa histórica pode ser instrumento de manipulação, alienação ou até mesmo de dominação, dependendo da forma como é escrita e das ideologias presentes em suas entrelinhas.

Alves (2009) concorda com Spivak e Cândido ao falar sobre o poder que a palavra exerce na construção das identidades sociais. A autora aborda a relação colonizador/colonizado, na qual o colonizado sofreu uma dupla transgressão, foi lhe imposto uma nova língua e junto com ela, uma nova cultura que menospreza e diminui sua origem. Esse processo foi legitimado por meio da palavra, do ensino, da evangelização dos povos conquistados. Como consequência o povo colonizado perdeu sua identidade, mas não adquiriu uma nova, na verdade tornou-se errante no mundo, alguém que não possui espaço na sociedade.

Alves reflete sobre o poder de persuasão da palavra, utilizada pelo colonizador para dominar o colonizado.

O status da mercadoria é produzido pela arte persuasiva, a da palavra principalmente. A literatura é arte da palavra. Sendo ela um espaço que viabiliza uma reflexão mais acurada sobre o modo como o mundo é organizado, deve iluminar o processo de modernização com os seus aspectos mais variados, positivos e negativos para o homem. (ALVES, 2009, p. 221)

Sobre a palavra Fanon também escreve:

[...] a palavra é criadora de equívocos, dissimuladora, mistificadora, e tanto mais,

sem dúvida, quanto pretende uma mais perfeita transparência –pode também tornar-se um meio de provocar outrem e de se provocar a si mesmo para autênticos aparecimentos (FANON, 2008, p.16)

Os países que foram colonizados como o Brasil, Índia, dentre outros, carregam o estigma de terem suas identidades sobrepujadas e enfrentam os mesmo desafios: construir uma nova identidade, uma nova história. Eles vivenciam o processo de descolonização e neste processo encontram-se as classes marginalizadas. Dentre elas está o negro, que ao ser escravizado, teve sua cultura eliminada e vive a busca por sua alteridade, uma identidade que lhes dê sentimento de pertença à sociedade a qual habitam.

Hall (2003) chama a atenção para três fatores que devem ser observados ao olharmos para a cultura negra: o estilo, a diáspora que fez do negro um ser deslocado de um mundo logocêntrico e o corpo como seu único capital cultural. Não importa a forma como o negro e suas tradições são representados na cultura popular, é preciso reconhecer que

[...] Em sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade e na sua rica, profunda e variada atenção à fala; em suas inflexões vernaculares e local; em sua rica produção de contranarrativas; e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular mainstream, elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representação. (HALL, 2003, p. 342)

O autor questiona se o momento atual é propício para as estratégias das novas intervenções apontando suas fragilidades, as estratégias criativas e críticas que dele surgem. Uma das fragilidades apontadas é a de que o momento atual faz uma distinção do negro, ou ele é uma coisa ou outra. No lugar do “ou”, o autor sugere um “e”. Não se pode alimentar esta oposição. O negro pode ser negro e mais o que ele quiser ser, não se pode reduzi-lo às suas características genéticas.

Outra fragilidade reside no fato de que o momento em questão torna natural e “des-historiciza a diferença”. Tira-se o significante “negro” de seu sentido histórico, cultural e político e o reduz à genética biológica, tira-se o foco do essencial para algo banal que não gera transformação social. Hall alerta para o fato de que se deve priorizar a diversidade e não a homogeneidade da experiência negra, reconhecendo outros tipos de diferença que “localizam, situam e posicionam o povo negro” (HALL, 2003, p. 346).

Cândido complementa dizendo que a literatura em sua função social, ao mesmo tempo em que humaniza o leitor pode também ser alienadora, dependendo do autor e sua obra.

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar

à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade (CÂNDIDO, 1999, p. 90).

Spivak (1994) aposta na reescrita da história e chama atenção para o fato de que sua condição pós-colonial lhe permite enxergar a reivindicação por alteridade presente na subjetividade das histórias alternativas. Um olhar para estas narrativas fará com que as brechas deixadas pelas ideologias europeias apareçam e aqueles que foram colocados em condição de invisibilidade social, apareçam. Ela enfatiza que a história precisa ser refeita sob o olhar crítico, tirando as possibilidades de dar continuidade às ideologias que mascaram a realidade em prol do interesse das classes dominantes, como afirma:

A política cultural da repetição está sendo encenada com o gestual da política da ruptura estratégica, necessária, tendo em vista a independência política que é o requisito mínimo para a descolonização. (SPIVAK, 1994, p. 205)

3 | KEHINDE E AS INFLUÊNCIAS CULTURAIS QUE MARCARAM SUA IDENTIDADE

Kehinde nasceu na África, aos sete anos foi capturada, trazida para o Brasil num navio negreiro e vendida como escrava por mercadores da Bahia. Os africanos ao descerem em solo brasileiro passavam por um ritual de purificação, no qual eram batizados, recebiam um novo nome e eram obrigados a aprenderem a língua do colonizador.

Nós não víamos a hora de desembarcar também, mas, disseram que antes tínhamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com a alma pagã. [...] Em terras do Brasil, eles tanto deveriam usar nomes novos, de brancos, como louvar os deuses dos brancos, o que eu me negava a aceitar, pois tinha ouvido os conselhos da minha avó. (UDC, 2012, p. 63)

O nome cristão recebido por ela foi o de Luísa Gama. Na fazenda para onde é levada torna-se escrava de companhia da sinhazinha e aproveita para ser alfabetizada junto com a menina, as duas constroem uma amizade que perdura por toda a vida. Após ser alfabetizada a sinhazinha é levada para um colégio interno e Kehinde torna-se escrava doméstica. Aos doze anos é estuprada pelo seu dono e engravida de seu primeiro filho, a quem ela chama de Banjokô, que significa “[...] Sente-se e fique comigo” (UDC, 2012, p.19). Segundo a crença de Kehinde, seu filho era um abiku, criança destinada a morrer antes de completar sete anos.

Com a morte de seu dono, Kehinde vai com a Sinhá para a Bahia, junto com outros escravos da casa grande. É na capital que ela conhece o significado da palavra liberdade ao estar em contato com negros da tribo malês que fazem uma conspiração e uma revolta na Bahia, que mais tarde fica conhecida como a Revolta dos Malês. Kehinde decide lutar pela sua liberdade e a de seu filho.

Sua dona a aluga para uma família de ingleses com os quais ela vive uma experiência prazerosa e se surpreende com o tratamento dispensado aos escravos. Kehinde se apossou de uma nova cultura, aprendeu a língua e a culinária inglesa, que mais tarde tornou-se sua forma de sobrevivência.

[...] Foi naquela casa (dos ingleses) que fiquei sabendo que não havia mais escravos nem em Inglaterra nem nos seus domínios, que todas as pessoas eram livres para morar e trabalhar onde quisessem, recebendo dinheiro. (UDC, 2012, p. 220)

Após sair da casa dos ingleses Kehinde tornou-se escrava de ganho, tendo que trabalhar para sobreviver e pagar certa quantia mensal à sua dona. Ela resolve comercializar cookies, ganha dinheiro suficiente para pagar a sinhá e vai criando uma microempresa dando emprego para seus amigos. Ao manifestar o desejo de comprar sua liberdade, sinhá manda avaliá-la:

[...] Olhei o papel e nem tentei fingir que não sabia ler, pois lá estava escrito com todas as letras o valor de uma escrava de dezoito anos, criada de dentro, com excelente saúde, falando português e inglês, sabendo ler, escrever e comerciar muito bem, capaz de ter ganho próprio de mais de dez mil réis por mês, e do seu filho de seis anos, criado como se fosse da casa, de excelentes maneiras e muito inteligente, bem-educado e que sabia tocar piano. (UDC, 2012, p. 338, 339)

O valor de Kehinde estava muito acima do mercado, ela valia uma verdadeira fortuna. Comprar sua liberdade tornou-se inviável. Ela então faz um plano com a ajuda de seus amigos que culmina na sua carta de alforria, do filho e dos outros escravos. Ela leva todos para trabalharem e viverem com ela.

Kehinde conhece um português de nome Alberto e vive com ele uma história de amor. Os dois têm um filho, o qual recebe o nome de Luís. Este não era abiku, como o primeiro que morreu antes de completar sete anos de idade.

Surge um decreto determinando que os portugueses que não fossem casados com brasileiras fossem deportados para Portugal. Alberto abandona Kehinde, pois ela é africana, e casa-se com uma brasileira, que mais tarde lhe toma tudo, inclusive a padaria que era de Kehinde, mas estava no nome de Alberto.

Kehinde não se deixa esmorecer, participa da revolta do malês e acaba tendo que fugir da Bahia para não ser presa. Alberto, num momento de fraqueza, vende o filho para se livrar de uma dívida. Quando Kehinde volta e descobre o que ele fez, passa a sua vida à procura do filho, mas não consegue encontrá-lo.

Aos 37 anos decide voltar para África. A sensação que experimenta ao voltar não era bem o que esperava:

[...] era estranho ver mulheres com o peito de fora, e senti um pouco de vergonha por estar olhando para elas, que também, olhavam para mim quase com o mesmo espanto. (UDC, 2012, p. 745)

Em África Kehinde descobre que não é mais africana, e sim, brasileira.

[...] Eu também pensava assim, estava do lado dos brasileiros, [...] achava que o certo não era a inimizade, não era desprezarmos os africanos por eles serem mais atrasados, mas sim ajudá-los a ficar como nós. [...] gente que no Brasil, provavelmente tinha orgulho de não se submeter à religião católica e fazia questão de conversar em línguas da África, como forma de dizer que não tinha se submetido aos brancos, mas que, de volta à terra, negava seus costumes. (UDC, 2012, p. 757)

Ela vive um romance com John, com quem tem dois filhos gêmeos e lhes coloca nomes brasileiros, João e Maria Clara. “[...] isso contradizia o que pensava antes [...] um nome brasileiro seria muito mais valioso para meus filhos” (UDC, 2012, p. 767) e os batiza na Igreja católica.

Aos oitenta anos, Kehinde encontra uma carta na qual dizia o paradeiro de seu filho Luís Gama.

[...] Que você estava casado, tinha filhos e era maçom, que escrevia poesias e era muito respeitado por publicar artigos belíssimos e cheios de inteligência nos jornais mais importantes da cidade, e dava inclusive a sua morada. (UDC, 2012, p. 946)

A alegria invade seu coração e aos 80 anos decide viajar para o Brasil para reencontrar o filho e morrer em solo brasileiro. A história se encerra com a chegada do navio ao Brasil. Kehinde conclui:

Quanto a mim, já me sinto feliz por ter conseguido chegar até onde queria. E talvez, num último gesto de misericórdia, qualquer um desses deuses dos homens me permita subir ao convés para respirar os ares do Brasil e te abençoar pela última vez. (UDC, 2012, p. 947)

4 | RAMI E AS MÚLTIPLAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DE SUA ALTERIDADE

Rami é uma mulher de 40 anos, cristã, casada há 20 anos com Tony, mãe de cinco filhos. Seu marido era um homem influente, ocupava o cargo de comandante da polícia. Rami vivia em função do marido. Sua existência não tinha sentido sem o Tony. Ele era a sua identidade.

Devido às constantes ausências do marido, Rami torna-se uma mulher infeliz e decide lutar para salvar seu casamento. Ela resolve conhecer a segunda mulher que roubou o coração de seu marido e vai à casa de Julieta. As duas brigam e Rami leva uma surra, a própria rival a socorre, leva-a para dentro, lhe empresta roupas limpas. Julieta está grávida do sexto filho de Tony e lhe diz que já foi trocada por uma terceira. Rami ouve sua história e se emociona.

Ao questionar o marido sobre as traições ele diz que não as considera como tal.

[...] _Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami. (Niketche, 2004, p. 29)

Rami vai à casa da terceira, Luísa, e vivencia o mesmo episódio, as duas brigam e acabam presas na delegacia. Rami se identifica: “[...] É o comandante Antônio Tomás. O meu nome é Rosa Maria” (Niketche, 2004, p. 52). Rami é solta imediatamente, sente compaixão por Luísa e diz que ela também é mulher de seu marido. As duas saem conversando da delegacia. Rami descobre que Luísa já foi trocada por uma quarta mulher, seu nome era Saly.

Rami vai à casa de Saly, leva outra surra e descobre que ela também já foi trocada por uma mais jovem de nome Mauá, uma menina ainda, na flor da juventude. Rami conclui:

[...] O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (NIKETCHE, 2004, p. 58)

Rami se utiliza de todas as estratégias para prender o seu Tony. Faz aulas de amor, magia, converte-se a religiões e seitas, batiza-se no rio Jordão, mas nada resolve o seu problema. Então decide se unir às suas rivais e torna-se amiga delas.

Luísa convida Rami para o aniversário de seu filho e lá pede ao seu amante que fique com Rami, que, embriagada, entrega-se aos prazeres, mas depois se sente mal, adúltera. Luísa explica que em sua tribo as mulheres compartilham o marido da mesma forma que um prato de comida. E que era justo emprestar o amante a Rami, já que há muito elas dividiam o marido. O desejo de Rami é maior que seus valores e ela aceita a proposta de Luísa.

Movida pela dor e pelo desejo de vingança, Rami prepara uma festa em comemoração aos cinquenta anos do Tony. Convida a nata da sociedade, bem como todos os parentes influentes, inclusive o tio que é padre. Uma sociedade regida por princípios cristãos que condenavam a prática da poligamia. Após fazer um belo discurso, Rami apresenta uma a uma as mulheres de Tony, com seus respectivos filhos, um total de dezessete com os dela. Todas estão vestidas igualmente e os filhos também.

Tony leva um choque. Uma a uma as famílias vão se retirando da festa, principalmente os homens, que como ele, faziam o mesmo e temiam que suas mulheres pudessem seguir o exemplo de Rami. Tony vai para casa da mãe.

Rami autoriza às mulheres a virem à sua casa reivindicar suas necessidades, pois o Tony deveria cumprir com todas elas. Sua sogra a princípio lhe condena, depois

diz que ela foi usada pelos deuses para unir a família. Ela quer todos os netos ao seu redor, sua família é o seu orgulho.

Rami e a sogra passam a defender a poligamia, por que na verdade, a sociedade era hipócrita, condenava a poligamia, mas a praticava em oculto.

Tony acaba se casando com todas as mulheres e registrando todos os filhos. Faz uma escala semanal, na qual ele tem a obrigação de passar uma semana na casa de cada uma. Desta maneira elas monitoram o Tony e usufruem de liberdade enquanto Tony se distrai com uma delas. Ele não aguenta a pressão, pois agora precisa assistir a todas as mulheres e filhos e culpa Rami pela bagunça que sua vida se tornou, pois nunca quis ter responsabilidade com nenhuma amante, desejava apenas usá-las.

Começou a procissão das mães e das crianças. O Tony já não aguentava, fugia deles. Rami, aguenta tu com essa gentalha. Aguentei com elas até onde pude, até que lhes disse: Isto acontece porque não trabalham. (NIKETCHE, 2004, p.117)

Rami explica a dificuldade de Tony em sustentar uma família tão grande e diz que elas precisam trabalhar. Rami as entrevista para descobrir o talento de cada uma e provê o capital para que elas iniciem seus próprios negócios. Saly torna-se comerciante de cereais, Luísa, de roupas, Julieta, de bebidas, Mauá, cabeleireira. Todas prosperaram e aos poucos foram percebendo que já não dependiam do Tony para sobreviverem.

A convivência com as mulheres do norte aos poucos vai modificando as crenças e a identidade de Rami. As mulheres do norte são mais livres, enquanto as do sul, mais submissas, devido às influências europeias sofridas. Rami busca refúgio na mãe e descobre que é uma reprodutora desse sistema que a faz tão infeliz.

A mãe é triste. Rami também e suas filhas o serão também. Vejo a tristeza desta mulher à minha frente. Uma mulher triste como eu. Esta imagem de tristeza terão as minhas filhas, temos nós, mulheres de todas as gerações, de todo o universo. (NIKETCHE, 2004, p. 194)

Apesar das cinco esposas, Tony se encanta por uma jovem chamada Gaby e sem avisar viaja com ela pra França em lua de mel. Enquanto ele está fora um homem é atropelado e a família o tem como sendo o Tony. Rami quer que a polícia faça o reconhecimento do corpo, mas a família alega pela tradição e não permite. Rami diz que o tal homem não é o Tony, pois não encontra uma cicatriz que ele tinha. Mas ninguém a ouve, todos a culpam pela morte do Tony. Seguindo a tradição, eles rapam a cabeça de Rami, cortam seu corpo com navalha nos rituais de viuvez. Retiram todos os móveis e utensílios da casa, deixando-a sem nada, nem mesmo uma cama para dormir, ela e os filhos devem dormir no chão. Por ela ser a primeira esposa, apenas ela sofre os horrores da tradição.

Rami é a grande culpada pela morte do Tony. Todos a condenam. Dentro de

oito dias ela deve tornar-se esposa de um dos irmãos do Tony para cumprir a lei do levirato. Esta parte Rami estava desejando que acontecesse, queria dançar o Niketche para seu cunhado e futuro marido. Pois para ela “[...] Vale mais a pena ser amada por um minuto que desprezada a vida inteira” (NIKETCHE, 2004, p. 225). Niketche é uma dança sensual praticada pelas mulheres do norte na arte da conquista para enlouquecer os homens. As mulheres do sul a desconhecem. Rami quer que Mauá a ensine o Niketche.

Assim que o irmão de Tony cumpre o levirato, Tony chega de viagem e encontra a casa vazia, os filhos presos num quarto vazio e Rami solitária, sentada ao chão. Ele leva um choque e pergunta o que houve.

[...]— Foi desumano o que fizeram contigo. Ah, cultura assassina! Ele entra em delírio. Diz que não sabia que a vida era má, nem imaginava que as mulheres sofriam tanto. Sempre achara que a sociedade estava bem estruturada e que as tradições eram boas, mas só agora percebia a crueldade do sistema. (NIKETCHE, 2004, p. 229)

Tudo o que Rami quer é se vingar, para isso se utiliza das armas do próprio Tony, as mulheres. Aos poucos ela consegue convencer Luísa a aceitar o pedido de casamento de Vito, o amante que as duas dividiam. Ao comunicar ao Tony que vai se casar, ele quase morre de susto e decepção, nunca havia experimentado a sensação de rejeição e abandono. Luísa oferece a Rami o lugar de segunda esposa do Vito, pois ser segunda é só prazer e alegria.

Tony rejeita a sexta esposa que elas lhe oferecem e todas o abandonam. A Julieta decide se casar com um português muito rico que lhe ama e faz tudo que ela quer. Saly vai se casar com um padre italiano que abandonou a batina por sua causa. Mauá também já está vivendo outro amor.

Só fica Rami. Ele a abraça e pede socorro. Percebe que ela está grávida e lhe pergunta se o filho é dele. Para seu desespero Rami diz que o filho é do seu irmão, o que cumpriu o levirato. Tony enlouquece. Rami consegue realizar a tão desejada vingança.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que tanto Kehinde quanto Rami tiveram suas identidades marcadas por ideologias europeias que se impuseram por meio do processo de colonização. Kehinde não sofreu muito com tais imposições porque sempre cultivou o sonho de liberdade, por estar sozinha em terra estrangeira teve que aprender a se virar, tirando proveito de tudo que aprendia em benefício próprio.

Kehinde tornou-se independente, guerreira, com tino para o comércio e construiu sua identidade a partir do conhecimento adquirido ao longo de suas vivências, teve maturidade e oportunidade para optar sobre quem e o que queria ser. Descobriu que o

dinheiro lhe daria poder para conquistar o respeito da sociedade e o status de branco, tornou-se uma grande empresária. A identidade brasileira lhe abriria as portas no exterior, por isso adotou o título de senhora Luísa Gama.

Rami já foi criada dentro de uma cultura que considerava a mulher um ser inferior e dependente do homem. Acreditava que a mulher nasceu para servir ao homem. As ideologias europeias nortearam a vida de Rami até os 40 anos, quando ela descobre a hipocrisia da sociedade em professar uma coisa e fazer outra, no caso da poligamia. Rami se revolta e desmascara a sociedade na qual vive. Sua vingança não é contra o seu marido apenas, mas contra um sistema que a oprimiu a vida inteira, não só a ela, mas a todas as mulheres.

Rami deseja se libertar do jugo imposto por uma cultura cruel e desumana em relação à mulher. Também é uma guerreira, assim como Kehinde.

Ambas são mulheres, africanas. Rami denuncia a crueldade de uma tradição que perdura por gerações e é reproduzida automaticamente, mas que não edifica e nem contribui para a construção da alteridade da mulher. Rami representa todas as mulheres, vítimas de culturas machistas, socialmente construídas com o fim de dominá-las. Ela dá um basta neste domínio e decide se construir. As crenças e ideologias de outras tribos com as quais convive através das mulheres de Tony a ajudam a entender de fato como as mulheres são vítimas de pensamentos opressores, propositalmente construídos para este fim. Ao proporcionar a emancipação das mulheres de Tony, Rami está promovendo a sua emancipação. Ao dar a elas a chance de escolherem outra vida, ela está mostrando a todas as mulheres que é possível desconstruir aquilo que nos prejudica e construir algo novo, a partir de nossas vivências. É possível um recomeço e uma transformação social que deve começar no interior de cada mulher.

Kehinde e Rami representam a nova versão da história da mulher. Uma versão na qual elas conquistam autonomia do ser, a capacidade de escolher seus destinos sem estarem dependentes do outro para existirem. Elas simplesmente existem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lídia Maria Nazaré. **Clarice Lispector e Franz Kafka em cena: Não tomar seu santo nome em vão**. Tese (Doutorado em Letras) Instituto de Letras - UFF. Niterói – Rio de Janeiro. 2009. 234p. Site: www.dominiopublico.gov.br

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, Número especial Antônio Cândido, Campinas. 1999. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007> acesso em 05/08/2016.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**/Paulina Chiziane. – São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. 952 p.

HALL, Stuart. **Que negro é esse na cultura negra?** In: Da diáspora: Identidades e mediações culturais/Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Gaurdia Resende ...[et al]. – Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. Humanitas. 2003, 434 p.

SPIVAK, Gayatri. **Quem reivindica a alteridade?** IN: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como critica da cultura.** Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994. pp 187/205.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-091-9

